

Sobre passeios e surpresas: revisando a história da língua portuguesa através da linguística histórica

Sarah Catão de Lucena*

<https://orcid.org/0000-0002-4183-6803>

Obra resenhada: GALINDO, C. W. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Resumo: Este texto traz uma resenha de *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*, de Caetano W. Galindo, publicado em 2022. A obra reavalia a narrativa oficial sobre a formação do português à luz da linguística histórica. Seus dezenove capítulos abordam a ampla cronologia histórica, linguística e geográfica do idioma. Um dos pontos fortes é a capacidade de Galindo de traduzir conceitos linguísticos para o cotidiano, permitindo que os leitores pratiquem o pensamento científico por meio da familiaridade com sua língua. O livro também é valioso para professores de português como língua estrangeira, adicional ou de acolhimento.

Palavras-chave: Linguística histórica. Língua portuguesa. Formação da língua. Caetano Galindo.

Journeys and surprises: revisiting the history of the Portuguese language through historical linguistics

Abstract: This text presents a review of *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português* by Caetano W. Galindo, published in 2022. The work reassesses the official narrative about the formation of Portuguese through the lens of historical linguistics. Its nineteen chapters cover the extensive historical, linguistic, and geographical chronology of the language. One of its strengths is Galindo's ability to translate linguistic concepts into everyday language, allowing readers to engage with scientific thinking through their familiarity with their own language. The book is also valuable for teachers of Portuguese as a foreign, additional, or hosting language.

Keywords: Historical linguistics. Portuguese language. Language formation. Caetano Galindo.

Sobre paseos y sorpresas: revisando la historia de la lengua portuguesa a través de la lingüística histórica

Resumen: Este texto presenta una reseña de *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*, de Caetano W. Galindo, publicado en 2022. La obra reevalúa la narrativa oficial sobre la formación del portugués desde la perspectiva de la lingüística histórica. Sus diecinueve capítulos abarcan la extensa cronología histórica, lingüística y geográfica del idioma. Una de las fortalezas del libro es la capacidad de Galindo para traducir conceptos lingüísticos al lenguaje

* Georgetown University. Doutora em Romance Languages pela University of Georgia, Estados Unidos. Professora e pesquisadora de línguas, literaturas e culturas em inglês, espanhol e português. E-mail: sl1757@georgetown.edu.



cotidiano, permitindo que los lectores se involucren en el pensamiento científico a través de su familiaridad con su propio idioma. El libro también es valioso para profesores de portugués como lengua extranjera, adicional o de acogida.

Palabras clave: Lingüística histórica. Lengua portuguesa. Formación de la lengua. Caetano Galindo.

Parte importante de quem trabalha com a língua portuguesa é lidar com as chamadas “narrativas pacificadoras”, que ainda compõem o imaginário da formação da sociedade brasileira. Dentre elas, a de que o nosso português falado e lido hoje foi implantado pelos portugueses no início do século XVI, incorporou, em seguida, uma dúzia de palavras do vocabulário africano e indígena e assim se manteve, unificado e indolor, até o momento presente. É sobre problematizar esta narrativa simplificadora “meio oficial e meio preguiçosa” (Galindo, 2022, p. 19) em torno da história do nosso português de que trata *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*, livro do professor, pesquisador, romancista e tradutor Caetano W. Galindo publicado em 2022 pela Companhia das Letras.

Organizado em dezenove partes costuradas por uma estrutura transversalmente cronológica e geográfica, *Latim em pó* oferece aos seus leitores uma perspectiva da trajetória do português a partir dos fundamentos da linguística histórica, mas avisa: “Este livro não é uma história aprofundada da língua portuguesa” (Galindo, 2022, p. 23). No seu desejo declarado de ser um livro de interesse para o público geral, o que ele quer é dar, como nos informa o seu subtítulo, um passeio pela formação da língua portuguesa de forma a iluminar o que há de extraordinário numa das coisas a qual prestamos menos atenção por estarmos tão imersos nela – a língua que falamos. Com isso, espera instigar perguntas e reformulações em torno da história da nossa língua. Como se fosse uma aula na qual os alunos são guiados a olhar criticamente para um objeto que, de tão trivial, parece estar resolvido, livre de contradições e complexidade.

Nos dois capítulos que iniciam o livro, *Bem-vinda* e *Roçar a língua de Luís de Camões*, somos convidados a pensar na linguagem a partir da sua centralidade para a sobrevivência humana, e, Galindo faz isso apresentando diferentes dimensões da língua no cotidiano de seus falantes: desde a dimensão milagrosa entre o nascer e o adquirir o português para expressar todo e qualquer tipo de necessidade até a dimensão territorial

do Brasil, que nos permite ir do sul ao norte do país sem enfrentar problemas de comunicação, apesar da imensa variabilidade da língua.

Tal amplitude daria à nossa língua um aspecto multifacetado, o qual nos mantém historicamente conectados ao português europeu, ao mesmo tempo que independentes dele diante de nossas especificidades linguísticas. E nestas especificidades reside um conjunto de mitos em torno da nossa pretensa falta de habilidade para dominar a nossa própria língua, da relação com a nossa gramática e com as variações linguísticas, que são abordados por Galindo de forma a ambientar o leitor ao espírito curioso e indagador do livro. Sobre esse aspecto, para aqueles familiarizados com a mitologia do preconceito linguístico de Marcos Bagno (1999), tais comentários de *Latim em pó* soarão como uma triste confirmação de que pouco superamos da nossa infundada inferioridade em relação a nossa língua.

Nestes dois momentos introdutórios de *Latim em pó*, Galindo nos apresenta à tônica geral do livro, fundamentada na vasta experiência do autor em pesquisa e ensino, mas também na sua experiência tradutória, que verte e sintetiza complexas ideias e conceitos linguísticos para o ambiente do cotidiano. Sob esse espírito, o autor inicia seu capítulo 3, *O começo de tudo*, problematizando qual seria o início da trajetória do português tal como o conhecemos hoje. Há diferentes critérios por onde iniciar – etimológico, histórico, genealógico, até genético – que levam a diversas hipóteses e poucas certezas inquestionáveis em torno do desenvolvimento do português.

Ilustrando o problema na parte seguinte, *O povo dos cavalos*, aprendemos sobre diferentes métodos de investigação da trajetória de uma língua e participamos de um exercício de método histórico-comparativo que nos mostra como as palavras latinas *octo* e *nocte* chegaram a *oito* e *noite*, por exemplo. Vemos ainda de que maneira o raciocínio indutivo vem sendo utilizado para entender e explicar o percurso de um idioma e suas palavras, filiando-nos, através da língua, a movimentos migratórios e genealogias territoriais: “Toda vez que empregamos a palavra ‘barro’, por exemplo, expressamos nosso pertencimento a uma linhagem de falantes que mantêm esse termo em uso há no mínimo 5 mil anos. Ou talvez 10 mil. Ou talvez mais” (Galindo, 2022, p. 57), explica.

Tal extensão temporal remonta diretamente à história da expansão do latim por meio do Império Romano, tratada com atenção no conjunto temático que vai dos capítulos 5 a 10, iniciados por *Roma* e *A outra Roma*. Entretanto, ao se deter em eventos

históricos, Galindo está interessado mais no que eles podem elucidar sobre o percurso do português do que sobre uma história social, cultural ou política de povos de uma região. Assim, à medida que reconstrói os caminhos pelos quais terá passado o latim com a ajuda da expansão romana, Galindo ilustra conceitos linguísticos como substrato, superestrato, diastrático e idioleto, que explicam as relações de interferência, empréstimo ou derivação que ainda podem ser vistas no português contemporâneo. E seguindo o raciocínio curioso e fundamentado do livro, *Latim em pó* traz ainda uma perspectiva comparativo-contrastiva dos aspectos do português com os de diversas outras línguas, aparentadas ou não. Ao fazer isso, alarga seu horizonte de contribuições, tornando-se um livro interessante para entusiastas da língua, leitores curiosos, estudantes e pesquisadores da área e professores de português em seus mais diversos contextos – português como língua estrangeira, língua adicional ou mesmo língua de acolhimento.

Uma das lições importantes demonstrada no capítulo 6, *A outra Roma*, é a impossibilidade de se entender o percurso de uma língua limitando-se uma lógica linear, como explica o autor: “A questão é que, via de regra, tentamos apresentar a história num sentido linear, com um fato se sucedendo a outro, quando existem processos importantíssimos que se dão transversalmente” (Galindo, 2022, p. 95). Sem este deslocamento de ponto de vista, interferências transversais, desvios e irregularidades aos padrões linguísticos identificados terminam por ser excluídos, embora expliquem aspectos fundamentais de toda constituição linguística. Esta condição é mais detalhadamente explorada nos capítulos 7 e 8 que se seguem, *Os “bárbaros” e as aspás* e *Os “árabes” e mais aspás*. Neste, o autor comenta as influências na formação do português a partir das chamadas invasões árabes ao sul da Península Ibérica, enquanto aquele se refere às influências desde o norte da península, a partir das invasões germânicas ao Império Romano. E é através da permeabilização das “membranas do Império” (Galindo, 2022, p. 88) como resultado de tais dinâmicas bélicas que processos de formação transversais são melhor visualizados na trajetória do português. Cada batalha ocorrida ao longo da península resultará numa onda de contato entre diversos contextos étnicos, culturais e linguísticos que se fazem vistos hoje no nosso idioma.

Preparando-se para cruzar o Atlântico em direção ao Brasil, o capítulo 9, *A Reconquista*, mostra o quão fundamental foi para a sobrevivência do português o evento das Cruzadas, momento em que o norte da Península Ibérica se separa política e

linguisticamente do centro-sul, renunciando os contornos mais ou menos definitivos que separam a Galícia – hoje parte da Espanha – de Portugal. É interessante aprender como as faixas verticais que organizam a Espanha linguisticamente se mantiveram estáveis, exceto pela faixa que corresponde à Galícia e a Portugal. Para Galindo, isto deve estar diretamente relacionado à presença árabe na região. E embora tenha sido expulsa de lá, a cultura muçulmana se faz presente na memória da língua portuguesa pelas marcas que ainda hoje compõem o nosso português. A coexistência de diferentes línguas na região é ainda tratada no capítulo 10, *Antes de nós*, que mostra como Portugal vai de um estágio de bilinguismo, não institucionalizado do latim e do português, até a oficialização deste diante do estatuto que vai galgando no emergente Estado lusófono. Vemos, portanto, que a separação acontecida entre norte e sul na península foi essencial para o fortalecimento do português a ponto de alterar de maneira definitiva o destino de outro sul, do outro lado do Atlântico.

Ao se aventurar por mares nunca antes navegados, o português em formação vai entrando em contato com falantes de diversas línguas, do que viria a se transformar em África lusófona, desenvolvendo como resultado as chamadas línguas crioulas de base portuguesa. A partir de tais interações, no capítulo 11, *Kriol*, Galindo ilustra como as línguas crioulas desafiam o próprio campo da linguística, que diverge sobre modelos de formação de idiomas diante do surgimento dos crioulos e também das chamadas línguas gerais. Estas são tratadas no conjunto de capítulos que se seguem – *Cabral, Gerais, Morte* –, quando, junto com *Kriol*, Galindo busca dar conta do caleidoscópio linguístico com o qual o português se deparou na sua travessia e chegada ao Brasil. Estes capítulos são particularmente reveladores quanto ao fato de que, por considerável tempo, o português não foi a língua predominante no território brasileiro, e sua existência concorreu com o domínio das línguas gerais até o século XVIII. *Fosse uma manhã de sol*, como já apontara Oswald de Andrade (1927) sobre o *erro de português*, e, a inversão de poderes não mudaria tão violentamente a favor do português, fazendo com que a narrativa de “convívio, preconceito, exclusão e sobrevivência” (Galindo, 2022, p. 110) corresponda tão realisticamente à história de nossa formação linguística.

Aproximando-se de seus capítulos finais, nas respectivas partes 15 e 16, *Áfricas e Pretoquês*, Galindo torna a revisar mais detidamente a narrativa “preguiçosa” da história do português no Brasil sugerindo o deslocamento dos centros de verdade que orientam

nosso imaginário em torno do assunto. Seria interessante, por exemplo, reconhecer que, diante do número superior de pessoas trazidas da África que habitaram e que se deslocaram pelo país, o português foi mais profundamente moldado pela bagagem linguística desses indivíduos do que se costuma reconhecer. No cerne desta ideia está a necessidade de nos despir de ferramentas e narrativas padronizadas que não dão conta do ambiente linguístico em que se formou o nosso português brasileiro – este mesmo ambiente que, ao ser reconhecido, poderia nos conduzir a um lugar de orgulho e celebração do que torna a nossa língua especificamente brasileira.

É das especificidades que tratam os momentos finais desta aula de Galindo. Os capítulos restantes – *Abismo, Uma língua, muitas línguas* e *E quem há de negar que esta lhe é superior?* – buscam reunir esta grande comunidade de falantes do latim triturado, latim em pó, língua portuguesa, a partir da sua pluralidade. E ao trazer o caráter plural ao contexto nacional, das dinâmicas regionais internas da nossa língua, Galindo discute também o papel das escolas na relativização da norma culta e no valor que podem dar à gramática e às variedades linguísticas, aspectos tão caros à nossa relação com a nossa própria língua.

Entretanto, especificamente a esse respeito, faz falta encontrar exemplos mais amplos de variações do português no Brasil. O livro de Galindo se concentra em ilustrar fenômenos linguísticos encontrados no sul e sudeste do país. Por exemplo, o chamado -r rótico retroflexo – popularmente conhecido como “r caipira” e manifestado principalmente em posição pós-vocálica, como nas palavras *porta* ou *carta* – é vinculado no livro a São Paulo ou Paraná. Entretanto, já foi catalogado por atlas linguísticos de outras regiões do sudeste, bem como do norte e nordeste do país, a exemplo de Brandão (2007) e Silva (2016).

Similarmente, a propensão ao uso do pronome *tu* com a concordância verbal na segunda ou terceira pessoa, em construções como *tu és/tu é* ou *tu foste/tu foi*, é discutido por Galindo como característico do litoral catarinense. No entanto, aparece com força em municípios nordestinos, como se vê nas pesquisas de Deus (2009), Alves (2015) ou Costa (2022). Ou seja, apesar de Galindo sugerir que “talvez não estejamos mais no tempo dos centros” (Galindo, 2022, p. 201) em relação a padrões de fala, as referências de norma e variação linguística que apresenta permanecem concentradas nos tradicionais centros do país.

Antes de concluir seu passeio, *Latim em pó* deixa uma rica lista comentada de obras relacionadas ao tema, de modo que o leitor termina a sua leitura equipado para seguir conhecendo mais a sua língua a partir de referenciais de alta importância e que contribuíram na feitura de *Latim em pó*. Também deixa claro, em seus *Agradecimentos*, que a contribuição de colegas, alunos, família e instituições foi fundamental para a constituição do livro, reafirmando a importância do coletivo e do comunitário que só é capaz de existir com tal força unidos pela língua. Ao fim da leitura, a impressão que *Latim em pó* nos deixa é a de uma obra que nos conquista pela possibilidade de estabelecer uma conversa da qual se sai melhor, mais forte e mais instruído depois dela.

Além disso, *Latim em pó* é um livro que não irá envelhecer, pois sua fundamentação na “verdade das verdades da linguística histórica” (Galindo, 2022, p. 67) – o fato de que as línguas estão em permanente processo de mudança – dá ao texto a capacidade de se atualizar ao seu tempo a cada leitura. Ao mesmo tempo que nos fala de processos históricos remotos que são constitutivos do português, também nos possibilita refletir sobre temas linguísticos profundamente atuais, a exemplo do vigente debate sobre o uso dos gêneros neutros no português. E como se pode aprender a partir da leitura de *Latim em pó*, esta discussão renova uma disputa tantas vezes já empreendida na língua entre aqueles que representam o “aparato de contenção das mudanças da língua” (Galindo, 2022, p. 77) e a fala do povo. E vale lembrar o que a linguística histórica já mostrou: nesse embate, quem historicamente tende a “vencer” é *a sermo vulgaris*, a língua vulgar, a fala do povo.

Por vezes tão íntimo, outras vezes tão desafiador, o português é acima de tudo celebrado por Galindo, que o equipara a um presente e a um milagre que une a partir de si todos os seus falantes – os do passado, os do presente e também os que virão. Mas Galindo também o imagina como uma herança e um patrimônio, que nos deixam todos aqueles que, antes de nós, se cobriram de marcas e cicatrizes para que o português ocupasse hoje este seu lugar de legados e dádivas, privilégios, traumas, mas acima de tudo como sendo uma “coisa variada, colorida, esquisita e maravilhosa que chamamos de língua portuguesa” (Galindo, 2022, p. 13).

Referências

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19897>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ANDRADE, Oswald. **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BAGNO, Magno. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Nas trilhas do -r retroflexo. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2007v10n2p265>. Acesso em: 20 nov. 2024.

COSTA, Lairson Barbosa da. **Variações dos pronomes “tu”/ “você” em dois municípios do estado do Pará: Melgaço e Portel**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://bib.pucminas.br/acervo/553110>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DEUS, Viviane Gomes de. **Você ou Tu? Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8422>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVA, Hélen Cristina da. **Pelas veredas do /R/ retroflexo**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/15516>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Recebido em 23/09/2024.

Aprovado em 29/10/2024.